

Entre o articulatório, o acústico e o representacional: uma releitura do significante

Luiza Milano¹

Universidade Federal do Rio Grande de Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Carolina da Silveira Riter²

Universidade Federal do Rio Grande de Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: A partir da discussão acerca do signo linguístico proposto por Ferdinand de Saussure, este estudo se propõe a explorar conceitos basilares da teoria desse linguista, focando principalmente no Curso de Linguística Geral, com o objetivo de sustentar uma releitura para a porção significante, englobando três aspectos: articulatório, acústico e representacional. Com base na leitura das principais obras saussurianas, assim como em trabalhos de linguistas que se debruçam na teoria, consideramos os conceitos de unidade, de valor e de arbitrário, com ênfase no arbitrário relativo, para sedimentar essa discussão linguística, no que tange à assimetria do signo e à influência do significante na composição da unidade, e para fundamentar o aspecto trino do significante.

Palavras-chave: Imagem acústica; Significante; Signo linguístico; Unidade.

Title: Between articulatory, acoustic and representational aspects: another point of view for the signifier

Abstract: From the discussion about the linguistic sign proposed by Ferdinand de Saussure, this study aims to explore fundamental concepts of this linguist's theory, focusing on the Course in General Linguistics, with the objective of sustaining a reinterpretation of the significant portion, encompassing three aspects: articulatory, acoustic, and representational. Based on the reading of the main Saussurian works, as well as works by linguists who focus on this theory, we used the concepts of unity, value, and the arbitrary, with emphasis on the relative arbitrary, to sediment this linguistic discussion, regarding the asymmetry of the sign and the influence of the signifier in the composition of the unit, and to substantiate the triune aspect of the signifier.

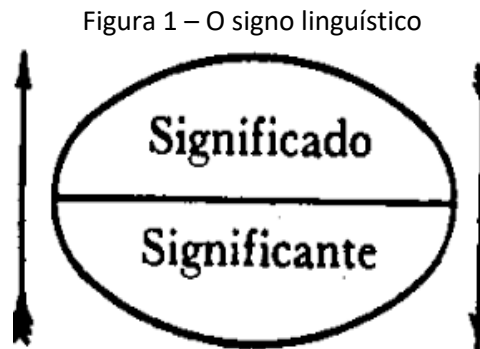
Keywords: Acoustic image; Signifier; Linguistic sign; Unity.

¹ Professora dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Pós-graduação em Letras da mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>. E-mail: luizamilanos@gmail.com.

² Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4614-0052>. E-mail: carolinariter@hotmail.com.

Introdução

Falar sobre o signo linguístico parece já ser assunto superado. Afinal, aos iniciados na teoria saussuriana, é bem conhecida a unidade de análise no campo da linguística apresentada pelo professor genebrino em suas aulas de linguística geral:



O que se costuma ter por certo é que o signo linguístico é simétrico, formado por duas porções de igual proporção. De fato, no clássico livro póstumo, o Curso de Linguística Geral (Saussure, 1977)³, o signo linguístico é apresentado como sendo formado por duas porções que, ao mesmo tempo, relacionam-se entre si e opõem-se. Esse equilíbrio é, sem dúvidas, bem representado pelas conhecidas metáforas da folha de papel, “o pensamento é o anverso e o som o verso” (Saussure, 1977, p. 131), ou da moeda, “uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia” (Saussure, 1977, p. 134).

No entanto, se repararmos em outra imagem evocada por Saussure, algo de instigante pode chamar a atenção: “Poder-se-ia pensar, com mais propriedade, numa composição química, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio; tomado separadamente, nenhum desses elementos têm as propriedades da água” (Saussure, 1977, p. 120). Essa analogia, assim como os paralelos feitos com a moeda ou com a folha de papel, abre-nos um questionamento quanto à suposta simetria do signo. Essa comparação com a composição da água, portanto, será um tanto útil a nós para expor a ideia de um certo desequilíbrio entre os dois lados do signo: na fórmula da água (ou no “signo” em questão) há *dois* átomos de hidrogênio para *um* de oxigênio. Ou seja, há uma desproporção que, embora evidente e condicionante, não afeta o estatuto do signo; ao contrário, é constitutiva dele. Pensamos, então, em um abalo inevitável a ser feito em algumas leituras que, ao longo do

³ Optamos por utilizar o Curso de Linguística Geral (Saussure, 1977) como principal fonte neste trabalho, tendo em vista sua importância e o marco científico que ele registra. A partir das reflexões apresentadas nessa obra póstuma, elaborada e editada por dois colegas de Saussure, Bally e Séchehay, conceitos basilares da teoria saussuriana tomam forma e podem ser discutidos e ampliados. Percebemos que o caráter relacional da teoria está presente no Curso de Linguística Geral, ainda que, ao longo dos anos, novas fontes tenham sido descobertas e estudadas. Ao longo deste artigo, será possível perceber que o Curso de Linguística Geral traz aspectos que, mais tarde, são evidenciados de maneira mais contundente por outros documentos, salientando o caráter relacional e sistemático da *langue*, tal como se pode conferir em manuscritos presentes nos Escritos de Linguística Geral (Saussure, 2004).

tempo, foram tomadas como verdades absolutas da teoria saussuriana. A todo momento, somos convocados a olhar para o signo como algo que possui duas faces que se correspondem e que, só assim, constituem valor. Contudo, é importante ressaltar que, bem como não propôs nenhuma dicotomia acerca dos aspectos fundantes da linguística (embora essa seja uma interpretação possível da teoria), Saussure não afirmou haver simetria no signo linguístico: significante e significado não possuem necessariamente o mesmo “peso”.

Todavia, para qual lado tenderia esse desequilíbrio? Algumas pistas presentes na obra saussuriana e nos estudos de seus leitores fazem com que o significante nos chame a atenção. O interesse do linguista por essa porção⁴, a discussão acerca do arbitrário relativo e o estatuto do som na *langue*⁵ são alguns pontos que nos levam à argumentação de que tal assimetria tende ao lado significante do signo. Em suas aulas e, conseqüentemente, em suas obras póstumas, é inegável que Saussure deu ênfase ao significante, salientando sua preocupação com as formas linguísticas e não com as significações em si mesmas – o que, segundo lemos em Saussure (1977, p. 131), seria aspecto de interesse da filosofia ou da psicologia. As ideias só possuem valor para o linguista no momento em que estão em relação dentro do signo que, por sua vez, pertence ao sistema.

Ao dissertar sobre o significante, Saussure deixa evidente que não estamos falando do puro som, de uma materialidade absoluta, mas sim de uma representação que o som suscita enquanto um fato de *langue*. A materialidade necessária na expressão da *langue* – ou, podemos dizer, de qualquer sistema semiótico – está atrelada a uma função simbólica que, por sua vez, dá ao som seu estatuto linguístico. Caso o significante fosse tomado apenas como matéria física e esses aspectos fossem dissociados, teríamos, de um lado do signo, uma massa indistinta de sons e, de outro, pura abstração. Considerando esse enlace de aspectos, aqui propomos que essa porção – a porção significante – possa ser vista a partir de três aspectos: o articulatório, o acústico e o representacional. É o que, em nossa releitura, chamaremos de “aspecto trino do significante”.

Dos conceitos saussurianos sobre o signo linguístico

Alguns conceitos desenvolvidos por Saussure e discutidos por seus leitores parecem dar-nos sustentação acerca dessa assimetria constituinte do signo linguístico que tende ao lado significante. Para fins didáticos, iremos trabalhar com aspectos teóricos, que envolvem

⁴ Em relação às suas escolhas terminológicas, Saussure mostrou algumas oscilações durante seu percurso, inclusive nomeando o significante como signo por um período, enquanto nomeava significado como ideia, apontando para uma importância bastante representativa dessa porção. Tais oscilações podem ser vistas tanto no Curso de Linguística Geral (Saussure, 1977) quanto nos documentos que integram os Escritos de Linguística Geral (Saussure, 2004).

⁵ Optamos por utilizar a terminologia *langue* tal como no idioma original francês, em vez do termo “língua”, veiculado na tradução do Curso de Linguística Geral para a língua portuguesa (Saussure, 1977), para manter a alusão do termo ao conceito de sistema desenvolvido pela teoria saussuriana. Tal escolha terminológica foi inspirada pelas reflexões de De Mauro na nota 68 da edição crítica do *Cours* (Saussure, 2005), na qual propõe que os termos *langue* e *parole* não sejam traduzidos, como forma de evitar equívocos. A partir de Ribeiro (2019), o grupo “O Rastro do Som em Saussure” adotou tal recomendação em suas publicações.

os conceitos do arbitrário e do valor linguístico, por interpretações propostas por outros linguistas, como Badir (2017) e com aspectos metodológicos, trazendo à tona questões acerca do recorte de unidade e dos conceitos de concreto e abstrato.

Do arbitrário

A partir da pesquisa e do aprofundamento nas fontes saussurianas, desde a análise dos manuscritos até leituras atuais, o conceito do arbitrário se mostra cada vez mais fundamental ao pensarmos na teoria linguística proposta por Saussure.

Em um primeiro momento, podemos tomar o arbitrário como uma das características do signo linguístico, sendo representante do laço que une significado e significante. Em oposição a uma lógica de “dar nomes às coisas”, o arbitrário aparece como instituidor de um elo que situa o significante como imotivado em relação ao significado. Ou seja, não há uma relação causal que remeterá a explicações fora do campo linguístico; a relação entre significado e significante acontece sem motivação, de forma acidental, arbitrária. O signo é, como bem pontuado no Curso de Linguística Geral (Saussure, 1977), esvaziado de um vínculo natural entre significante e significado.

Na elaboração desse conceito, dois arbitrários nos são apresentados: o absoluto e o relativo. O primeiro diz respeito ao que é completamente imotivado na *langue*. Já o relativo se refere àquilo que não é totalmente imotivado, no qual essa arbitrariedade radical cede espaço para o significante. No Curso de Linguística Geral, um exemplo evidencia bem essa diferença: o signo *vinte* está sob influência do arbitrário absoluto enquanto *dezenove* está também sob influência do relativo, tendo em vista que evoca termos dos quais é composto, *dez* e *nove*, e outros que podem ser associados a ele, como *dezoito* e *novecentos*. O mesmo fenômeno acontece com marcas de tempo verbal, radicais, prefixos e sufixos. Lidamos com graus de arbitrário, uma vez que uma parte dos signos é absolutamente arbitrária, enquanto outra é influenciada por um fenômeno que restringe, mas não suprime o arbitrário. Saussure chama-nos a atenção, portanto, à limitação do arbitrário: toda a *langue* é influenciada pelo princípio irracional do arbitrário, porém um princípio de ordem e regularidade é introduzido pelo relativo. Há a “correção parcial de um sistema naturalmente caótico” (Saussure, 1977, p. 154).

Dito isso, o que o arbitrário nos ensina especificamente acerca do significante?

Badir (2017) diz que o arbitrário é justamente a característica que repercute assimetricamente no signo, sendo o relativo uma prova da assimetria, dado que a radicalidade do arbitrário absoluto oferece espaço para que o significante se desdobre a partir do fenômeno da analogia, fazendo com que novos signos se criem a partir de outros. Desse modo, o linguista reflete que, em muitos casos, o significado é carregado por esse significante que se mostra dilatado pelo espaço que lhe é cedido e pelo papel de regularização que lhe é imposto.

Alguns outros pontos levantados por Badir (2017) nos levam a entender o signo linguístico como assimétrico. Com base na análise das notas dos alunos de Saussure, o

linguista mostra que a imagem do signo apontada anteriormente (Figura 1), na qual há a dupla orientação das flechas, foi alterada pelos editores do Curso. Originalmente, pelas aulas de Saussure, apenas uma flecha estava presente na imagem do signo, sendo direcionada do significante (imagem acústica) para o significado (conceito). Ou seja, a partir dessa interpretação, o arbitrário possui orientação e evidencia uma relação assimétrica.

Esse fenômeno implica a teoria do valor, dado que, por meio dela, olharemos para a *langue* como um sistema no qual uma dupla cadeia de diferenças se relaciona a partir de graus de arbitrário, o que se opõe claramente à ideia de língua como nomenclatura.

Da teoria do valor

A teoria do valor de Saussure é vista como uma das suas maiores contribuições para a linguística moderna. Sobre essa noção, o linguista explica que é nas relações de oposição e de negatividade entre signos, na presença e na ausência simultâneas, que o valor será constituído. Tais relações são perceptíveis por meio das diferenças evocadas pela substância fônica do signo, gerando as oposições de signos que darão condições para a constituição de significação e valor.

A síntese do valor linguístico nos leva a perceber a *langue* como um sistema de relações. Quanto à materialidade, de nada importam suas características positivas. Pensemos no jogo de xadrez, famosa analogia de Saussure, na qual pouco importa se o cavalo é uma peça original ou um objeto qualquer que o *representa*. Na esfera da *langue*, seguimos a mesma lógica: não importa, de antemão, qual som integra o significante, mas o valor opositivo, relativo e negativo que ele constitui no sistema. O valor se apoia, ancora-se por meio do aspecto material da *langue*, mas o ultrapassa, estabelecendo relações que evidenciam o estatuto linguístico desse som. O sistema só é afetado se uma mudança material no aspecto sonoro acarreta, do mesmo modo, um deslocamento na percepção e na representação, repercutindo obrigatoriamente sobre o laço entre o significante e o significado.

A *langue*, portanto, vê-se como intermediária entre pensamento e som – e é aqui que o valor se coloca. Não há uma materialização do pensamento, mas a constituição de um elo indissociável entre duas massas amorfas que, por meio da constatação de diferenças e de recortes significativos, conseguem evocar valor por meio de uma forma – e não pela pura substância. Tudo acontece nesse elo entre significante e significado, em relação a todas as unidades que compõem o sistema.

Nesse sentido, pensamos acerca do papel relevante do significante para a teoria, tomando em consideração as questões relativas à materialidade e à representabilidade dessa porção. Os signos linguísticos apenas conseguem evocar as diferenças por meio da produção da materialidade e da consecutiva percepção desse fenômeno. Didaticamente, podemos fazer uma analogia desse evento com uma espécie de caminho: pela materialidade, aspectos diferenciais *articulatórios* são produzidos e desencadeiam uma *percepção acústica* que, por sua vez, é fundamental na delimitação da unidade e, por fim, *aspectos diferenciais*

representacionais serão suscitados. É válido ressaltar que, durante todo esse caminho, ainda estamos (teoricamente) do lado significante do signo. Vemos essa via, portanto, como condição para que o significante forme um elo – disposto em algum grau de arbitrário – com o significado e, assim, o signo possa constituir valor, sua condição de existência.

Das relações sintagmáticas e associativas

Nesse mergulho na teoria e com a intenção de fundamentar o aspecto trino do significante, cabe entender como se constituem essas relações e diferenças. Na *langue*, elas acontecem a partir de duas esferas distintas. De um lado, as relações se darão pela linearidade da cadeia falada: um som se opõe e relaciona-se com aqueles que o precedem e com aqueles que o seguem; são relações em presença. Saussure as nomeia como sintagmáticas. De outra maneira, as diferenças também são evidenciadas pelas relações em ausência, ou seja, por aquilo que está fora do circuito da *parole*⁶. Essas relações, nomeadas por Saussure como associativas, diferenciam-se das sintagmáticas ao passo que não estão evidenciadas na extensão da *parole*, mas fazem parte da *langue* depositada no tesouro individual do sujeito falante.

Essas relações tornam possível o estabelecimento do valor constitutivo do signo e, conseqüentemente, permitem o funcionamento da *langue*. Nota-se que as diferenças características das relações sintagmáticas e associativas só conseguem ser articuladas se nos voltarmos ao aspecto sonoro (ou material) do signo, sempre dotado de toda representação que lhe é devida. Ou seja, a *langue* em funcionamento depende do inflado papel do significante.

Do recorte da unidade

Nesse contexto, é importante pensarmos sobre as entidades concretas da linguística, ou seja, na concepção da unidade que é o signo. Partimos do fato de que o signo é formado por significante e significado; sem esses dois elementos, o signo se desfaz. Pode-se crer que a menor unidade a ser analisada seria a sílaba, como exemplificado no Curso. Porém, uma sílaba tomada por si só não se mostra como suporte de uma ideia e, por isso, não é linguística. No Curso de Linguística Geral, encontramos uma pista pontual sobre a importância da porção significante para a delimitação das unidades em linguística:

A unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela se pode dar é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um conceito* (Saussure, 1977, p. 120).

⁶ Assim como *langue*, optamos por utilizar o termo *parole* ao fazer referência à “fala” em uma forma de aludir ao conceito saussuriano de porção individual da linguagem, portanto, não restrito ao ato fonatório mecânico de fala.

Como se pode ler, para Saussure, a definição da entidade linguística só se apresenta quando estiver delimitada e quando, a partir disso e por causa disso, se opuser a outras no mecanismo da *langue*. Pela simples linearidade da cadeia fônica, o ouvido não conseguiria realizar cortes precisos. Busca-se, então, a representação do som. A partir da restrição da menor massa de som que tem capacidade de representar um significado na cadeia falada é que encontramos a unidade – sempre em relação com os demais elementos, em relações em presença e em ausência, conforme apontamos acima.

Mais uma vez, vemos a teoria saussuriana considerando um olhar para o aspecto fônico da *langue* e para sua influência em outros importantes conceitos. Ora, para evidenciar o valor, é preciso do recorte resultante das relações sintagmáticas e associativas possíveis a partir do elo arbitrário que compõe o significante e o significado em signo linguístico. A pista material, embora não se restrinja à pura materialidade, faz com que os fatores de representação e significação possam ser deslocados a fim de permitir o funcionamento do mecanismo da *langue*. Nesse ponto, mais uma vez, vemos o significante como um aspecto saliente no funcionamento da *langue*.

O aspecto trino do significante

A partir da ancoragem em conceitos fundamentais da teoria saussuriana e da observação da prevalência do lado significante na assimetria do signo linguístico, podemos, agora, aprofundar-nos no que tange a esse aspecto. Com nosso olhar direcionado ao significante, algumas passagens presentes no Curso de Linguística Geral nos chamam a atenção. Em um primeiro momento, Saussure refere-se a essa porção como “imagem acústica”, caracterizando-a como uma impressão psíquica do som, como “a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial” (Saussure, 1977, p. 80). Ao comparar com o conceito (que mais tarde será chamado de significado), Saussure pontua que esse é *mais* abstrato que o significante, deixando bastante explícita a imaterialidade presente nas duas porções.

Nesse mesmo capítulo, da natureza do signo linguístico, em uma nota de rodapé, diversas pistas para nossa proposta de olhar para o aspecto trino do significante se revelam:

O termo de imagem acústica parecerá, talvez, muito estreito, pois, ao lado da *representação* dos sons de uma palavra, existe também a de sua *articulação*, a imagem muscular do *ato fonatório*. [...] A imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala. O aspecto motor pode, então, ficar subentendido ou, em todo caso, não ocupar mais que um lugar subordinado em relação à imagem acústica (Saussure, 1977, p. 80, grifo nosso).

A partir desses achados, percebemos a relevância e a complexidade do significante, tendo em vista que, se fosse tomado como pura porção fônica, o elo arbitrário não seria possível e, conseqüentemente, não haveria sustentação para o significado. Restaria, a nós, uma massa indistinta de sons. Da mesma maneira, não nos é útil trabalhar com a pura

abstração sem levar em conta essa âncora material que torna possível a percepção de diferenças e a constituição do valor. Aí a importância de enxergarmos o aspecto trino, conforme propomos na figura abaixo:

Figura 2 – O aspecto trino do significante



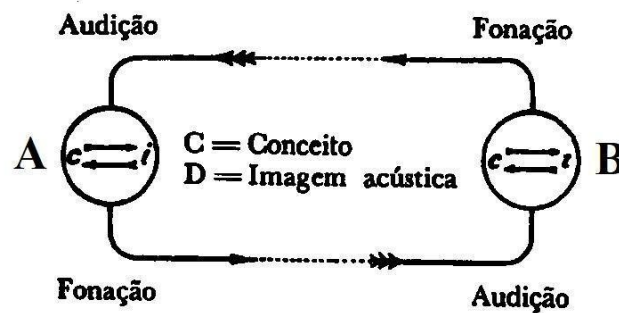
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Vejamos, então, cada um desses três aspectos – articulatório, acústico e representacional – considerados (para fins didáticos) individualmente.

O aspecto articulatório

Como já pontuado neste artigo, é inegável a presença do aspecto articulatório do significante. Ele diz respeito à produção do som e é indispensável para a existência de uma possível representação. Cabe salientar que, por estarmos trabalhando com conceitos já descritos pela linguística saussuriana, nossa terminologia acaba por evocar aspectos relacionados ao som. Porém, pode-se considerar qualquer tipo de materialidade linguística. Assim sendo, essa reflexão pode ser tangenciada para o campo das línguas visuoespaciais, nas quais nos deparamos com uma materialidade voltada aos sinais e à escrita, por exemplo.

No Curso de Linguística Geral, esse papel é revelado em algumas passagens. No capítulo do objeto da linguística, sobre essa materialidade, temos que “é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua” (Saussure, 1977, p. 17). Mais adiante, na análise do esquema elaborado a partir do circuito da *parole*, temos: “[...] mas nossa figura permite distinguir sem dificuldade as partes físicas (ondas sonoras) das *fisiológicas* (*fonação* e *audição*) e psíquicas (imagens verbais e conceitos)” (Saussure, 1977, p. 20, grifo nosso). É importante salientar o uso do termo *fonação* para descrever a materialidade, e não o termo *parole*.

Figura 3 – Circuito da *parole*

Fonte: Saussure (1977, p. 20).

Porém, como registrado em algumas outras passagens, de nada vale essa materialidade vista por si só. No capítulo “A fonologia”, por exemplo, temos:

Mas sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os *movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica*, em nada se esclareceu o problema da língua (Saussure, 1977, p. 43, grifo nosso).

O aspecto articulatório está na *langue*, atuando a serviço do ponto de vista semiótico. Sua descrição pormenorizada, no que tange a pontos articulatórios, vibrações e movimentos não nos interessa linguisticamente até que façam marcas de representação na *langue*. Contudo, essas pistas articulatórias são obviamente necessárias.

O aspecto acústico

No aspecto acústico, alguns pontos se destacam. Primeiramente, é importante vermos esse aspecto como portador de um papel essencial na identificação e no recorte da unidade que, mais tarde, terá valor na *langue*. No primeiro capítulo do apêndice “Princípios de Fonologia”, lemos:

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o *lado acústico*. Esse método não é correto: não somente a *impressão produzida no ouvido* nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a *base de toda teoria* (Saussure, 1977, p. 49, grifo nosso).

Aqui, temos a indicação da valorosa função do acústico, tendo em vista que, como naquele mesmo capítulo, já temos pistas sobre seu papel fundamental no recorte da unidade. A delimitação dos sons da cadeia falada e, conseqüentemente, dos signos, só é possível por meio da impressão acústica causada pela porção material. Nesse momento, Saussure (1977, p. 51) classifica a unidade como tendo “um pé em cada cadeia”, fazendo menção simultaneamente ao acústico e ao articulatório.

Além disso, é por meio do aprofundamento no aspecto acústico que podemos pensar nos aspectos que envolvem a escuta. É a partir da escuta que os fatores distintivos relacionais, de oposição e de negação poderão ser percebidos, e o valor, estabelecido (Stawinski, 2016). Se vemos a escuta com um papel ativo na linguagem, isso só é possível através (e em função) do aspecto acústico do significante.

No aspecto acústico não lidamos mais com a materialidade pura, embora não seja possível avançar sem ela. O ouvido, em um viés puramente fisiológico, não percebe as divisões e não realiza a separação das partes. Essas unidades só conseguem se desprender quando a elas é atribuída uma potência semiótica. O aspecto acústico, portanto, está na dependência do efeito que o som provoca, está na escuta. É por ele que determinado som pode ser detectado e associado a uma representação, sempre que remetemos à ideia de unidade linguística.

O aspecto representacional

Em diversos aspectos de sua teoria, Saussure salienta a presença da abstração na porção significante. Ao caracterizar o signo linguístico, temos que “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos [...]” (Saussure, 1977, p. 79). O que caracteriza o significante como psíquico, então? Em citação já trazida, na seção em que discutimos o aspecto articulatório, destacamos que as partes psíquicas do signo linguístico são descritas por Saussure como “imagens verbais e conceitos”. Mesmo não discutindo sobre o conceito neste artigo, é-nos bastante evidente que se trata do significado. A imagem verbal, portanto, diz respeito ao significante, a esse aspecto que o integra junto ao articulatório e ao acústico.

O caráter psíquico encontra uma descrição no capítulo acerca da natureza do signo linguístico no Curso de Linguística Geral:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso (Saussure, 1977, p. 80).

Além disso, ao explicar a noção de imagem acústica, vemos, nos ensinamentos de Saussure, que ela é a representação do som que nos dá testemunho dos nossos sentidos. Não há uma grande questão em torno do caráter psíquico do significado; essa discussão se coloca no terreno do significante, tendo em vista um histórico de conceitualização da língua como nomenclatura. Porém, se ambos os componentes do signo são psíquicos, devemos conseguir legitimar o caráter mental/abstrato do significante.

Já no capítulo referente ao valor linguístico, também no Curso de Linguística Geral, podemos perceber um olhar atento a essa característica do significante:

[...] Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (Saussure, 1977, p. 138).

Vemos o aspecto representacional, portanto, como a abstração da produção e da percepção sonoras. Tal aspecto é o fato semiótico por excelência, condição para se compreender a noção de valor saussuriano, e base necessária para a existência da *langue*.

Encaminhamentos

A partir do trajeto exposto e discutido no presente artigo, podemos perceber a possibilidade de uma outra camada de interpretação da teoria saussuriana, na qual propomos passar de um olhar que coloca aquilo que é duplo em evidência, como o signo linguístico no que tange ao significante e ao significado, para um olhar que considere o que é triplo na teoria, pressupondo uma complexidade de relações. Para isso, foi fundamental partirmos do conceito de arbitrário, característica de importância fulcral para o desenvolvimento da teoria saussuriana, assim como o conceito de valor, que nos possibilita pensar na *langue* como um sistema de relações que definem as unidades.

Especificamente sobre nosso foco principal, o aspecto trino do significante, vemos este como uma proposta fundamentada a partir de um deslocamento, fruto de nossas reflexões acerca da teoria saussuriana. O significante considerado em seus três aspectos – o articulatório, o acústico e o representacional – e instanciado a partir de seu caráter dilatado, tal como proposto por Badir (2017), convida a um significativo deslocamento na consideração do signo linguístico como unidade de análise em nossos trabalhos. Uma reflexão que parta da ideia de que esses três elementos se articulam e interdependem-se nos parece bastante pertinente a uma interpretação do que aqui propusemos como o aspecto do trino do significante.

Referências

BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical? *Semiotica*, v. 2017, n. 217, 2017.

RIBEIRO, J. Q. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*: édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, F. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

STAWINSKI, A. V. *O aspecto fônico da língua*: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Análises textuais, discursivas e

enunciativas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

Recebido em: 10/04/2023.

Aceito em: 08/07/2023.